

DÉFICITS DE APRENDIZAGEM E O ENSINO DE CIÊNCIAS: OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS.

Ana Caroliny Alves Pereira¹

RESUMO

São muitos os obstáculos que fazem barreiras entre o ensinar e o aprender, são muitas falhas presentes no sistema educacional que findam sobrecarregando o trabalho docente, e que ocorrem frequentemente nas salas de aulas. Uma delas é a existência de alunos apresentando dificuldades na sua absorção dos saberes e em contrapartida uma legião de professores tentando suprir a carência em questão, sem sequer possuir as ferramentas necessárias, usufruindo então e sua criatividade e dos materiais que estão em seu alcance. E entre essa problemática, destaca-se nesta pesquisa o que será apontado como principal contratempo, as adversidades enfrentadas por educadores de ciências ao trabalharem com crianças que possuem transtornos de aprendizagem em escolas públicas, ao tão conhecidos como déficit de aprendizagem, que são dislalia, discalculia, dislexia e TDAH, são as disfunções que serão abordadas neste artigo. A metodologia aqui utilizada foi a descritiva-exploratória, em que fizemos aplicabilidade de questionários a quatro docentes da rede pública de ensino de Nova Olinda, Ceará, em que os docentes responderam expondo seu ponto de vista a cerca do assunto. Na sequência será analisada a visão do nosso objeto de pesquisa, os professores, e discutida minuciosamente cada uma delas. Neste trabalho, torna-se evidente que os docentes se sentem inseguros e insatisfeitos diante das complicações relatadas.

Palavras-chave: Déficits de aprendizagem, Dificuldades, Professores de ciências.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um fenômeno complexo que envolve vários conceitos, dentre eles a concentração e cognição do aluno, para que entenda a explicação dada pelo professor, como também, a metodologia e experiência do docente, diante à aquisição daquele estudante.

No entanto, muitos professores encontram-se desabilitados a lidar com a situação, e acabam não conseguindo alcançar seus objetivos, de compartilhar o conhecimento, a todos os alunos.

Neste contexto será abordado a visão do professor, com base em seus argumentos a respeito das atribuições que os mesmos enfrentam em seu cotidiano, e quais as suas principais dificuldades.

O interesse pelo tema abordado neste projeto, surge após o II estágio supervisionado no ensino de ciências, que, ao presenciar a realidade do ambiente escolar despertou-me a curiosidade e inquietação de aprofundar-se a respeito de como o professor poderia atuar e ajudar para que os estudantes com dificuldades de aprendizagem desenvolvam suas habilidades.

Esta pesquisa tem como objetivo geral, mapear as principais dificuldades encontradas por docentes no cotidiano escolar, frente os tipos de déficit de aprendizagem, e como objetivos

específicos, compreender o que dificulta a atuação docente, frente aos problemas citados, no cotidiano escolar e, conceituar os tipos de déficit.

Fora realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico, baseada na convicção de vários autores, e foram extraídos dados dos professores de escolas públicas, ensino fundamental, por meio de um questionário, no intuito de saber o seu posicionamento a respeito do assunto.

METODOLOGIA

Este projeto trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória. Segundo Gil, 2008, descritiva porque apresenta as características de determinada população ou fenômeno, uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas como coleta de dados, e explicativa porque permite identificar os fatores que contribuem para ocorrência dos fatos, é o tipo que mais aproxima o conhecimento da realidade por explicar a razão e o motivo dos acontecimentos.

O tema aborda em seu contexto, os desafios dos professores de escolas públicas, referente à alunos com déficit de aprendizagem em que a obtenção de dados da pesquisa, será feita por meio de referenciais teóricos e questionários aplicados aos docentes que trabalham neste âmbito.

Deste modo, esta exploração, terá como objetivo, enunciar os principais desafios da atuação do professor, com relação ao ensino de alunos com déficit de aprendizagem, e ao embasamento que estes possuem para lidar com o problema, adquiridos durante sua formação, detalhando os principais obstáculos encontrados pelos docentes, no cotidiano escolar.

O presente trabalho, foi realizado na cidade de Nova Olinda, município do estado do Ceará, localizado na microrregião do cariri, sua população estimada, segundo dados do IBGE é de 15.520 habitantes.

Esta pesquisa será desenvolvida a campo, no período de setembro de 2019, a novembro, na escola de ensino fundamental I e II, Avelino Feitosa, nela, estão disponíveis os níveis de sétimo ao nono ano, nos turnos matutino e vespertino, a mesma encontra-se na Avenida perimetral Sul, no centro da cidade de Nova Olinda. Seu horário de funcionamento pela manhã é das 07 às 11, e à tarde de 13:00 às 17:00.

Os sujeitos da pesquisa serão os professores que se disponibilizarem a responder sem nenhuma objeção, estes responderão a um questionário, com questões objetivas, e não terão seu nome divulgado. A análise dos resultados, e de caráter qualitativo.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Piaget, (1974 p.13), a aprendizagem é um processo de equilíbrio, onde o desenvolvimento psíquico, inicia-se ao nascermos, e seguimos absorvendo conhecimento, cada vez mais até a maturidade. Ainda afirma que sobre este mesmo conceito que, está depende do estágio de desenvolvimento atingindo pelo sujeito, (1973).

Teixeira (2003, p.02), corrobora com Piaget ao afirmar que a aprendizagem é uma função complexa da psique humana, e que se faz necessário que processos neuropsicológicos estejam em equilíbrio.

Na concepção do teórico Alves, (2007, p.18) a aprendizagem traduz a forma como os indivíduos adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento, ainda afirma que, trata-se de um processo complexo que dificilmente pode ser explicado apenas através de recortes do todo.

Aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade considerando experiências individuais e as regras sociais existentes. (ANTUNES 2008, p. 32).

Por um outro lado, Falcão, (1999. p,19), assegura que a aprendizagem é uma tarefa do docente, que deve direcionar as suas metodologias e práticas pedagógicas para que o aluno aprenda.

Fonseca, (1995, p. 131) também relata que a metodologia está intimamente ligada, ao aprender, ainda ressalta que a estimulação e a atividade em si, não garante que a instrução ocorra. Visto que, para aprender é necessário estar motivado e interessado.

Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para criança, para os pais e para a escola ocorre a “dificuldade de aprendizagem” e antes que a “bola de neve” se desenvolva é necessário a identificação de problema esforço, compreensão, colaboração e flexibilização de todas as partes

envolvidas no processo: criança, pais, professor e orientadores. (..) (FURTADO, 2007, p. 03).

Vigostki, (2001) ressalta que existem dois fatores que auxiliam no processo aprendizagem são estes a linguagem e o pensamento, para este teórico ambas têm raízes genéticas inteiramente diversas. Afirmando que existem uma fase de pré fala no desenvolvimento do intelecto, e de uma fase pré intelectual no desenvolvimento da fala, na filogênese de ambas. Ainda ressalta (1993), que está favorece as funções mentais.

A educação recebida, na escola, e na sociedade de um modo geral cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos, a atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e conseqüentemente o comportamento da criança na escola. Vygotsky (1984, p.87).

Neste contexto de assimilação, existem muitos fatores que distorcem este conceito trazendo à tona os distúrbios de aprendizagem. Que segundo Garcia (1998.p, 31-32), são os transtornos, as dificuldades significativas na compreensão e da escuta, na fala, escrita, raciocínio e desenvolvimento de habilidades matemáticos.

Segundo Johnson e Myklebut, 1997, todas estas dificuldades podem ser definidas como, Disortografia que o mesmo define como a incapacidade de transcrever corretamente a linguagem oral havendo trocas ortográficas e confusão de letras. Tal problema, não implica a diminuição da qualidade do traçado das letras.

Além dessas trocas podem surgir dificuldades em recordar a seqüência dos sons das palavras, que são elaboradas mentalmente, Surgem então: omissões (caxa/ caixa); adições (árvovore/ árvore); inversões (picoca/ pipoca); fragmentações (em contraram/ encontraram; a parecer/ aparecer); junções (Umdia o menino/ Um dia o menino); contaminação, na palavra, de uma letra por outra próximo (brincadeira/ brindadeira). (JOHNSON e MYKLEBUST, 1997, p. 267-268).

Uma outra definição feita pelo mesmo autor, é a Dislexia, que segundo ele, a criança disléxica, demonstra serias dificuldades com a identificação dos símbolos gráficos no início da sua alfabetização, o que acarreta fracasso em outras áreas que dependem da leitura e da escrita.

Falha no processamento da habilidade da leitura e escrita durante o desenvolvimento. A dislexia como um atraso do desenvolvimento ou a diminuição em traduzir sons em símbolos gráficos e compreender qualquer material escrito é o mais incidente dos distúrbios específicos da aprendizagem, com cifras girando em torno a 15% da população com distúrbios da aprendizagem, sendo dividida em três tipos: visual, mediada pelo lóbulo occipital, fonológica mediada pelo lóbulo temporal, e mista com mediação das áreas frontal, occipital, temporal e pré-frontal. (CIASCA, 2005, s/p).

Ainda acrescenta que, a disgrafia, cuja sua característica é a dificuldade em passar para a escrita o estímulo visual da palavra impressa. Caracteriza-se pelo lento traçado das letras, que em geral são ilegíveis.

A criança disgráfica não é portadora de defeito visual nem motor, e tampouco de qualquer comprometimento intelectual ou neurológico. No entanto, ela não consegue idealizar no plano motor o que captou no plano visual". JOHNSON e MYKLEBUST (1997, p. 267,268)

Segundo Ciasca, (2005) a Disgrafia trata-se de falhas na aquisição da escrita, que atinge cerca de 5 a 10% da população escolar e pode ser dos seguintes tipos: disgrafia do pré-escolar, construção de frases, ortográfica e gramatical, caligrafia e espacialidade.

O mesmo autor define um outro transtorno, Descalculia como:

discalculia é uma falha na aquisição da capacidade e na habilidade de lidar com conceitos e símbolos matemáticos. Basicamente, a dificuldade está no reconhecimento do número e do raciocínio matemático. Atinge de 5 a 6% da população com dificuldade de aprendizagem e envolve dificuldade na percepção, memória, abstração, leitura, funcionamento motor; combina atividades dos dois hemisférios.

Conforme Barkey (2008.p,89) os indivíduos que compreendem este tipo de distúrbio, costumam ser portadores de dificuldades crônicas como a desatenção e /ou impulsividade-hiperatividade. Afirmando ser provável que estes traços, ainda podem surgir desde muito cedo, quando ainda criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados para esta pesquisa, foram apurados por meio de questionários contendo sete questões, destas, quatro eram objetivas e três subjetivas. Foram aplicados aos professores, nosso objeto de estudo.

As perguntas foram elaboradas no intuito de analisar a percepção docente acerca da problemática. Neste caso foram entregues questionários a cinco professores da rede pública da cidade de Nova Olinda-CE.

A primeira pergunta, questionava os docentes sobre quais eram as principais dificuldades de lidar com alunos que possuem déficit de aprendizagem, e dentre as alternativas, o P1, P2, e P3 responderam que, a utilização de uma didática eficaz, que contribuísse para a aprendizagem

dos mesmos, e a linguagem a ser utilizada de maneira que facilitasse o entendimento destes alunos eram suas principais dificuldades. E o P4, assinalou a opção, outros.

Neste contexto, fica evidente, que o professor se sente despreparado e inseguro, não sabendo como exercer seu trabalho, e ciente de que suas práticas pedagógicas não estão atingindo alguns alunos.

A segunda pergunta, referia-se sobre a formação docente, se eles possuíam alguma especialização, que lhe atribuísse embasamento e segurança para que exercesse a sua função, diante das adversidades em destaque neste tema. P1, P2, e P4 responderam que não possuem nenhuma especialização, apenas a graduação. Apenas P3, possui formação continuada.

Com base neste resultado, subtede-se que os cursos de especialização, embora preciso estão distantes da realidade de muitos docentes. Esta é mais uma barreira, que interfere na resolução dos professores diante do problema em destaque.

Na sequência, a terceira pergunta era sobre os alunos, se eles possuíam diagnóstico informando qual o seu problema, todos os professores, P1, P2, P3, e P4, responderam que apenas alguns alunos têm diagnóstico.

Diante das respostas obtidas, nota-se mais um empecilho, em que o professor, percebe que o aluno sofre algum transtorno de aprendizagem, o mesmo, não tem noção de qual problema se trata.

Também fora elaborada uma pergunta, a respeito de como estes alunos são avaliados. P1, e P2, respondeu que sempre são atribuídas as medias, P3 afirmou que são realizados provas e/ou trabalhos de acordo com a dificuldade do aluno e P4, respondeu que sua avaliação, é igual aos dos alunos considerados normais.

As repostas dos professores apresentam que a escola não tem um padrão específico, que facilite a maneira como aquele aluno pode ser avaliado.

A quinta pergunta, era subjetiva, e questiona o professor justamente sobre como este percebia a dificuldade do aluno, e estes responderam o seguinte:

Prof 1: geralmente não sabem ler e interpretar dessa forma, fica ainda mais difícil assimilar os conteúdos.

Prof 2: na maioria das vezes pelo comportamento, resistência do mesmo ao fazer as atividades propostas.

Prof 3: são alunos que geralmente ficam sentados no final da sala, não copiam as atividades, não interagem com os colegas e não leem.

Prof 4: através da participação de leitura em sala de aula, das respostas das atividades e outros.

Esta pergunta, complementa a terceira questão proposta pois visto que a maioria dos alunos não são diagnósticos sobre seu devido problema, resta ao docente tentar interpretar de alguma maneira, e ficou nítido, que eles observam o seu comportamento e suas dificuldades.

A sexta pergunta, também subjetiva, referia-se à capacidade do educador, se embora todas as atribuições, os mesmos acreditavam em conseguir auxiliar seus alunos, a superação dos seus problemas, obtive as seguintes respostas:

Prof 1: muito pouco, pois diante de salas numerosas não temos condição de um acompanhamento individualizado. Infelizmente, acho que piora ano após ano.

Prof 2: não

Prof: sim, pois procuro incentiva-los, a lerem, a estudar e trabalho com sinais e livros que auxiliam na sua aprendizagem.

Prof 4: em sala de aula não é possível auxilia-los em seus problemas por conta da quantidade de alunos e tempo, atribuído, mas em aulas de reforços é possível desenvolverem um pouco a aprendizagem desses alunos.

Os depoimentos, apontam que a maioria dos docentes, sente-se desmotivados, já não buscam metodologias diferenciadas, no intuito de se conseguir um maior alcance na aprendizagem de seus alunos.

A sétima e última pergunta, questionava o professor, sobre como ele se sentia diante a dificuldade do aluno.

Prof 1: meio impotente, diante um desafio tão grande, pois já trabalhei com alfabetização e sei como é frustrante não conseguir ao termino do ano, que todos leiam. Imagine no 9º ano? É uma tarefa para a qual não estamos preparados.

Prof 2: inútil, devido não ter embasamento teórico de como trabalhar com esses alunos.



Prof 3: me sinto triste no primeiro momento quando descubro as suas dificuldades e depois me sinto na obrigação de ajuda-los da melhor maneira possível.

Prof 4: motivada para ajuda-los, mas com algumas dificuldades na questão dos materiais escolares.

Os depoimentos, demonstram que a maioria dos professores possuem o sentimento de angústia, em sentir-se incapazes de desenvolver sua função com êxito, dentro do âmbito escolar.

Conclusão

Conclui-se, que o professor diante deste contexto, não consegue exercer a sua profissão com êxito e que se sentem incapazes de formular estratégias que facilitem o seu trabalho.

Segundo os resultados obtidos com as respostas dos mesmos, a dificuldade de uma especialização, bem como um curso de formação continuada, os deixa sem embasamento e inseguros de resolver o problema.

A estrutura escolar, por muitas das vezes não possuem suporte e não disponibiliza materiais didáticos o suficiente para eu seja desenvolvido o trabalho do professor, com esses alunos.

Sabemos, que todo e qualquer aluno necessita de atenção, e os que possuem os tipos de déficit, necessitam de cuidado redobrado, no entanto, a maioria dos professores não consegue e por muitas das vezes nem tentam auxilia-los para que aprendam algo.

Um outro ponto importante, e que esses alunos são inseridos nas turmas de series elevadas para seu problema, e devido a sua incapacidade de aprender, são passados para series posteriores, e no final, não chegaram a lugar algum.

Acredito, que a única coisa que os fazem bem e o contato com os outros colegas, dessa forma se trabalha o seu lado social, eles se enturmam e fazem amigos. Porém, em relação a aprendizagem em si, e ineficaz nestas escolas.



E uma tarefa difícil, porém se a escola recebe, e os matriculam, poderiam ser responsáveis pelo acolhimento, aprendizagem e bem-estar daquele aluno. E não o inserir em uma sala de aula qualquer, e esperar que apenas o professor, que já tem um trabalho imenso, se articulasse na tentativa de fazer algo por aquele estudante.

REFERÊNCIAS

ALVES, Doralice veiga. **Psicologia avaliação e diagnóstico**. 1 ed. vila velha- escola superior abera do Brasil, 2007.

ANTUNES, celso. **Professor e professauros: reflexão sobre a aula e prática pedagógicas diversas**. 2ed. Petrópolis RJ, 2008

BARKLEY, R.A **transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade (TDAH): guia completo para pais, professores e profissionais da saúde**. Porto alegre: Artmed, 2002.

CIASCA, silvia maria- distúrbio da aprendizagem- uma questão de nomenclatura. IN **REVISTA SIMPRO**. Rio de janeiro, 2005.

DIB, gabrielle, a criança com problemas de aprendizagem no contexto educacional atual: um olhar para o papel do psicólogo na escola. **Faculdades integradas**, 2009.

FALCÃO, Gerson Marinho. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo, ática, 1999.

FONSECA, v. **uma introdução às dificuldades de aprendizagem**. Editorial notícias: Lisboa, 1984.